



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA - UNEB
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS - CAMPUS IV
CURSO DE GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

ANDREIA MIRANDA ALMEIDA DOS SANTOS

**O Cotidiano, Memórias e Resistências das “Viúvas da seca” de
1932, no Município de Miguel Calmon - Bahia**

JACOBINA

2014

ANDREIA MIRANDA ALMEIDA DOS SANTOS

**O Cotidiano, Memórias e Resistências das “Viúvas da seca” de
1932, no Município de Miguel Calmon - Bahia**

Trabalho apresentado para o Curso
de Graduação na Universidade do
Estado da Bahia, Campus IV.

Orientador: Mestre Jaime Baratz

JACOBINA

2014

“Diante dessa majestosa beleza e desabrochar de cores, a seca mostra-se imperiosa, desalentando a vida do sertanejo.

O chão tórrido parece ter perdido a fertilidade, desnudo pela ganância dos homens que insistem em transformar florestas naturais em pastagens. A natureza reage. É mais um ano de seca, com chuvas esparsas que prejudicaram a floração. É mais uma safra que se vai por água abaixo. Como é desolador ver a capineira ser substituída pelo mata-pasto e o rebanho sendo praticamente dizimado pela falta de alimentação!

Já se foram as últimas sementes e, com elas, a esperança de dias melhores”.

Aloísio Sales Queiroz, em “Os óculos”

AGRADECIMENTOS

Quero agradecer primeiramente a Deus, minha maior fonte de inspiração e renovação que permitiu escrever essa pesquisa.

Agradeço de forma especial ao meu orientador Jaime Baratz, pela sua disposição e paciência. Que Deus continue abençoando ricamente a sua vida.

A todos os professores e departamentos que fazem parte do Campus IV, aos meus queridos colegas, que, nos momentos de angústia, sempre tiveram uma palavra amiga.

Ao meu amado esposo e meu filho querido, por me transmitirem segurança, incentivo e carinho quando mais precisei. Aos meus pais, minha amada mãe “in memoriam”, que infelizmente não se encontra mais neste mundo, uma guerreira que sempre me incentivou na jornada da vida. Ao meu querido pai, que sempre me estimulou com as suas mensagens, seu amor. A Valdelice que cuidou do meu lar, do meu filho.

À minha mãe na fé, Norma Regina, que me sustentou em orações todos esses anos, e sempre esteve ao meu lado com as suas palavras de consolo, o meu muito obrigado. Aos meus queridos irmãos, que sempre me incentivaram a nunca desistir dos meus ideais. A toda a minha família, meus queridos tios, primos e amigos.

Ao Instituto Educacional Ebenézer, na pessoa do Pastor Samuel e sua esposa Tânia, pelo apoio e oportunidade. A Igreja Congregacional, pela compreensão e orações.

Que Deus na sua infinita graça continue abençoando a todos vocês de forma muito especial. Fico muito agradecida ao meu Deus por todos vocês fazerem parte da minha história, e se tornarem marcantes para a minha formação.

RESUMO

Neste trabalho, analiso o cotidiano e as memórias das mulheres, em particular das “viúvas da seca” de 1932, no município de Miguel Calmon e região, localizado no Piemonte da Chapada Diamantina. As descobertas apontadas reforçam a superação do gênero feminino, que, diante de um cenário marcado pela tragédia e flagelo, exerceu relevante papel para preservação de sua prole. A fundamentação da pesquisa está estruturada a partir de levantamento de dados e informações obtidos prioritariamente de fontes orais, como entrevistas com descendentes e viúvas da seca de 1932, para tanto utilizei o método da micro história, e do estudo da memória coletiva das sertanejas através da análise de relatos de suas lembranças. Valeu-se ainda de fontes documentais encontradas no Arquivo Público e na Biblioteca de Jacobina. Concernente ao assunto, recorri a pressupostos teóricos de dezenas de autores consagrados pela Academia bem como a autores regionais. Em geral, a pesquisa discute o modo de vida dos flagelados da seca, sua saga, criatividade e resistência para enfrentar os efeitos destrutivos da estiagem de 1932, características que respondem pela própria formação da identidade do sertanejo. Neste cenário de crise, destaco o papel desenvolvido pelas mulheres, sobretudo as viúvas, no tocante à assunção de responsabilidades típicas dos chefes de famílias. Vale ressaltar que a seca vitimou dezenas de pessoas acometidas por doenças indiretamente em decorrência da fome e da falta de imunidade orgânica. Nessa pesquisa estudamos que as “viúvas da seca” eram obrigadas a trabalhar na roça uma vez que as frentes de trabalho oferecidas pelo governo Federal e Municipal eram inapropriadas para elas.

Palavras-Chave: Seca; 1932, Miguel Calmon, mulheres; viúvas; experiências; cotidiano; memórias.

ABSTRACT

In this paper, I analyze the daily lives of women, particularly widows of the 1932 drought, in Miguel Calmon County and its region, located in the foothills of Chapada Diamantina. The findings indicated strengthen the resilience of females, who, before a scenery marked by tragedy and scourge exerted significant role in the preservation of their offspring. The foundation of the research is structured based on data collection and information obtained primarily from oral sources, such as interviews with descendants and widows of the 1932 drought, through their remembrance and memories. Also drew on documentary sources found in the Public Archives and in the Library of Jacobina. Concerning the subject, resorted to theoretical assumptions of dozens of Academy's acclaimed authors, as well as to regional authors. In general, the research discusses the lifestyle of the flagellates of the drought, their saga, creativity and resilience to stand up to the destructive effects of the drought of 1932, characteristics which respond for the own formation of the identity of backcountry people. In this crisis scenario, I highlight the role played by women, especially widows, regarding the assumption of typical responsibilities of heads of families. It is necessary noteworthy that the drought killed dozens of people suffering from diseases indirectly as a result of hunger and lack of organic immunity. In this research we studied that the "widows of drought" were forced to work in the fields since the work areas offered by the Federal and Municipal government were inappropriate for them.

KEYWORDS: Drought, 1932; Miguel Calmon, women; widows; experiences, every day; memories.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	07
1. A SECA E SUA PROBLEMÁTICA SOCIAL E ECONÔMICA	16
1.1. CONCEITO DE SECA	16
1.2. A SECA NO SERTÃO NORDESTINO	18
1.3. O SEMIÁRIDO	19
1.4. RELATO DAS PRINCIPAIS CONSEQUÊNCIAS DA SECA DE 32	23
2. II CAPÍTULO OLHARES SOBRE O COTIDIANO NA HISTÓRIA	29
2.1. O DRAMA FEMININO NO PERÍODO DA SECA	29
2.2. O COTIDIANO DAS VIÚVAS DA SECA DE 1932	34
2.4 MODUS VIVENTI DAS VIÚVAS DAS SECAS	37
CONSIDERAÇÕES FINAIS	39
REFERÊNCIAS	41
APÊNDICE.....	45
ANEXOS	46

INTRODUÇÃO

“A força não provém da capacidade física. Provém de uma vontade indomável”. Mahatma Gandhi

A seca é um problema enfrentado há séculos pela região do Nordeste do Brasil, e, recentemente tem afetado outras Regiões como o Sudeste. O problema das secas agrava ainda mais a aridez e secura das paisagens de algumas regiões do Nordeste, principalmente do sertão nordestino. Ela traz um cenário de condições sub-humanas, marcado pela miséria, escassez, fome, morte, negligência governamental. Vitima plantas, animais e pessoas. Por outro lado, a seca ajuda a esculpir a identidade do povo sertanejo, assim como o faz deserto em relação aos beduínos.

O meu objeto de estudo versa sobre o cotidiano das mulheres, sobretudo das “viúvas da seca” de 1932, no município de Miguel Calmon e região, localizados no Piemonte da Chapada Diamantina, através de relatos dos seus descendentes e das próprias “viúvas da seca”¹, tema que exploro através de uma abordagem local.

A seca sempre foi um tema que me instigou por residir desde criança no interior do sertão baiano e vivenciar as dificuldades enfrentadas pelas constantes estiagens. Serviu-me de fonte de inspiração o fato de ter testemunhado a última seca catalogada no Nordeste (seca de 2012-2013). Com uma consciência nítida e um olhar historiográfico, retrocedi ao tempo para investigar e trazer a lume nuances do drama vivido pelos citados sobreviventes da seca de 1932, ressaltando o importante papel que as mulheres exerceram na árdua missão de tentar salvar suas proles dos efeitos destrutivos da seca.

Com esta pesquisa, busco compreender o porquê da seca ser um tema tão antigo, porém um problema nunca solucionado, um fantasma que assombra até os dias de hoje. O estudo pretende apontar ainda respostas sobre o caráter obstinado e corajoso do nordestino diante das adversidades inclementes impostas pela seca. Desvendará como um fenômeno natural — a seca de 1932 — pode prejudicar e

¹ Viúvas da seca eram mulheres cujos os maridos abandonavam as famílias e migravam principalmente para o Sudeste em busca de trabalho e não retornavam, sendo que alguns morriam ou constituíam novas famílias . Jornal Correio da Paraíba, João Pessoa,31, Janeiro,1999.Extraído do site:<http://www.portcom.intercom.org.br/pds/062c5dc680eb0b763778d703462efefd8.PDF>

interferir muito mais no ambiente social do que no ambiente físico. O cotidiano daquelas pessoas foi tremendamente afetado? Embora fossem pessoas acostumadas com períodos de estiagens, diante do terrível advento daquela seca, como elas perderam o controle de suas vidas e empreenderam a dramática saga da luta pela sobrevivência?

A pesquisa exalta o papel das mulheres que agregaram as responsabilidades típicas dos chefes de famílias, cuidando de forma heroica das proles, quando os maridos, em função da seca, foram obrigados a se retirarem para outras regiões a procura de trabalho para garantir o sustento da família. Outros questionamentos buscam saber como essas mulheres resistiram a esse longo período de estiagem, quais ajudas e recursos humanitários receberam, de que modo sobreviveram, quais as lembranças e marcas deixadas por um período trágico.

Diante das minhas inquietações, iniciei a minha pesquisa fazendo um levantamento de dados e investiguei as fontes que seriam pertinentes para a elaboração do meu trabalho. Porém, fiquei surpresa quando percebi que essas fontes eram de difícil acesso. Por outro, o trabalho do historiador é um trabalho incansavelmente investigativo, inquietante, cuja tarefa é averiguar todas as informações possíveis, obtidas através da oralidade e/ou de documentos escritos e/ou fotográficos. Mediante a todo esse contexto, utilizei-me de alguns métodos que conduziram minha investigação histórica.

A função do historiador é ir à procura das fontes existentes. Contudo, no tocante à pesquisa sobre a seca de 1932, as limitações eram numerosas. Em minha cidade, em Miguel Calmon, o arquivo público estava desativado, o que dificultou a minha pesquisa; como estava a procura de dados da região, recorri a outras fontes, como o arquivo público e a biblioteca de Jacobina. Dentre outras fontes, colhi informações através de entrevistas com descendentes e mulheres que relataram por meio das suas memórias as recordações da referida seca.

Como disse anteriormente, a história oral é muito importante para fundamentar pesquisas carentes de fontes documentais escritas, pois, através da oralidade, extraímos informações riquíssimas e fidedignas. Diante do período histórico marcado pela precariedade de informações e documentos catalogados, os relatos dos depoentes foram significativos e determinantes para a realização do meu

trabalho. Essas entrevistas foram realizadas com pessoas idosas que vivenciaram a seca ou ouviram relatos confiáveis de seus pais.

Diante desse estudo, busquei autores que pudessem dialogar com a minha pesquisa. Para tanto, utilizei a metodologia de história do cotidiano baseando-me teoricamente em Michel de Certeau, que busca analisar as formas como as pessoas vivem e o seu cotidiano. Ainda a história regional e local, inspirada em Edvaldo Fagundes Neves. Apropriei-me da metodologia da história das mulheres, calcada em autoras como Joan Scott e Mary Del Priori, assim como a técnica de história oral respaldada nos autores Janaina Amado, Marieta de Moraes Ferreira e José Carlos Sebe Bom Meihy.

A oralidade é muito importante, pois através dos depoentes conseguimos vislumbrar a história de alguns acontecimentos que muitas vezes são esquecidos. As autoras Marieta Ferreira e Janaina Amado enfatizam na sua obra quanto é relevante o uso da fonte oral e afirma que: “Fazer história oral significa, portanto, produzir conhecimentos históricos, científicos, e não simplesmente fazer um relato ordenado da vida e da experiência dos ‘outros’”. (FERREIRA & AMADO, 2001, p.17)

E finalmente baseei-me minha pesquisa sobre a memória dos velhos, respaldada nos estudos da escritora Ecléa Bosi. A autora traz uma reflexão sobre esses sujeitos, retratando que os idosos são importantes para a história, pois constituem uma memória. E afirma que a arte de narração não está confinada nos livros, seu veio épico é oral. “O narrador tira o que narra da própria experiência e a transforma em experiência de quem a escuta”. (BOSI, 1987, p.43).

Além dos livros, busquei informações com pessoas mais velhas, realizei algumas entrevistas com idosos, que relatavam os fatos vivenciados no período da seca de 1932, outros idosos não chegaram a vivenciar esses fatos mas guardavam em sua memória as histórias contadas por seus pais. Segundo Halbwachs, a lembrança é a sobrevivência do passado. “O passado, conservando-se no espírito de cada ser humano, aflora a consciência na forma de imagens-lembranças”. (BOSI, 1987, p.15)

Evocar o passado é viajar no tempo e buscar todas as informações possíveis. Além das entrevistas, visitei o acervo público de Jacobina onde encontrei algumas comprovações do período da “seca de 32”, como atestado de óbitos de pessoas que

faleceram naquela época por conta de causas ligadas à carência ou falta de alimentos.

Alicerçada na história oral através da análise de entrevistas com pessoas idosas que viveram a seca de 1932 ou foram descendentes diretos das “viúvas da seca” de 1932, não poderia deixar de dialogar com a obra de Ecléa Bosi que retrata sobre o cotidiano desses anciãos, a fim de enriquecer o embasamento da minha pesquisa.

Em “Memória de velhos”, Bosi buscou transmitir o cotidiano dos idosos através da riqueza de suas memórias. O interessante é que cada idoso ao ser entrevistado só relembra do seu passado externando uma grande gratidão para com a escritora. Tais fatos se confirmaram também nas entrevistas realizadas com os idosos calmonenses.

Ao contrário de Bosi, que mostra que o sentimento dos idosos era de gratidão, pois eles acreditavam que a lembrança do seu passado fazia reviver momentos agradáveis que os tornavam até mais jovens, verificou-se nas entrevistas o contrário, uma vez que muitos idosos se entristeciam em lembrar momentos difíceis.

O passado é evocado pelo idoso, para que possamos compreender o presente. As recordações para os velhos segundo Bosi, além de rejuvenescer os mesmos, transmitem informações históricas de vidas que a nós os entrevistadores, mesmo não vivendo aquele período, através dos relatos, desses anciãos viajamos no tempo e passamos a conhecer e entender o passado, tornando algo significativo para o ser humano no tempo presente. Por isso, as lembranças passadas são de suma importância para o presente, elas produzem significados para quem valoriza. David Lowenthal² em sua obra “O Passado é um país estrangeiro” ressalta: “Todos precisam de suas lembranças. Elas evitam a miséria da insignificância”. (LOWENTHAL, 1998, p.84).

Quando retratamos sobre lembranças logo nos remete a memória, que é de suma importância para se compreender o passado em função dos interesses do presente. Mesmo entendendo que a memória sofre transformações, ela considerada na visão do autor supracitado, como um elemento de formação das identidades.

² LOWENTHAL, David. O Passado é um país estrangeiro. Projeto História. Revista do programa de Estudos Pós- Graduação de História. Volume 17 (1998) Jul./Dez. Trabalhos da Memória.

Percebemos assim, que por meio das lembranças, reconstituímos muitos acontecimentos.

É possível analisarmos esse contexto quando realizamos a leitura da obra de Ecléa Bosi “Memória & Sociedade Lembranças de Velhos”, onde a autora postula sobre a lembrança e a contribuição dos velhos, dentro de um contexto em que a sociedade ignora os mesmos, e os consideram como seres humanos enfadados, sem valor. A autora valoriza a memória dos velhos, pois acredita que eles e as suas lembranças cooperam de forma importante com a sociedade. As lembranças são um verdadeiro baú de informações, a mesma nos fornece subsidio para reconstruirmos acontecimentos, que muitas vezes são esquecidos no tempo. E a lembrança tem essa importância de fazer com que possamos reviver o passado no presente, como afirma Bosi na seguinte afirmação: “O estudo da memória nos ensina que todas as fontes históricas estão desde o princípio banhados de subjetividade” (BOSI, 1994,p.123)

Por outro lado, é necessário dizer que a memória é fugidia, mudando a peculiaridade do sujeito. A mesma traz vestígios, porém cabe ao historiador investigar sobre a veracidade e o significado dos fatos. O importante é ter a consciência que a memória e a história cada uma possui o seu papel. Mas de fato a história sem memória não há sentido, pois um complementa o outro. A memória se faz importante para compreendermos as reconstruções dos acontecimentos. Segundo Ecléa Bosi³: “A memória poderá ser conservação ou elaboração do passado, mesmo porque o seu lugar na vida do homem acha-se a meio caminho entre o instinto, que se repete sempre, e a inteligência, que é capaz de inovar”. (BOSI, 1994, p.28).

Cabe ao historiador diante de um emaranhado de informações selecionar essas informações e analisar o significado dos depoimentos. O historiador é um pesquisador e investigador dos fatos, e deve dar um tratamento especial às fontes. Por isso, ao ler os relatos dos velhos no livro “Memória e Sociedade” a autora enfatiza que as histórias contadas pelos idosos nem tudo é de fato original. Muitas vezes situações narradas por uma pessoa já vem imbuídas de informações de outras pessoas, ou seja, as pessoas relatam sobre algo a partir de recordações de outros. Por isso, como retratei anteriormente, a tarefa do historiador é colher as

³ BOSI, Ecléa. Memória e Sociedade: Lembranças dos velhos. 3 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

informações e ser criterioso em analisar o que de fato se aproxima da verdade e qual o seu sentido.

Como relatados no livro, cada indivíduo guarda na sua memória o que de fato é importante para ser lembrado. É interessante os relatos de cada idoso, pois neles estão contidos as suas vivências de forma distinta, cada um conta histórias de tempos que foram importantes para si.

As fontes orais possuem as suas riquezas, podendo proporcionar contribuições para dessa forma compreendermos determinadas situações sejam econômicas, políticas, sociais ou culturais. Segundo Michael Certeau⁴:

A oralidade constitui também o espaço essencial da comunidade. Numa sociedade não existe comunicação sem oralidade, mesmo quando essa sociedade dá grande espaço à escrita para a memorização da tradição ou para a circulação do saber. (CERTEAU, 1994, p.336-337).

Enfim, um trabalho de pesquisa para que seja considerado rico necessita abarcar uma infinidade de informações. Sejam elas na forma escrita, na fotografia ou na oralidade. As fontes devem ser infinitas, cada fonte para o pesquisador lhe proporciona uma possibilidade de se trabalhar algo novo, que possa viabilizar novos conhecimentos através da pesquisa. As fontes orais nos proporcionam sempre um novo olhar frente ao nosso objeto de investigação. Embora diante de inúmeras entrevistas, se tratando do mesmo tema, mas cada entrevistado sempre tem algo a declarar. É papel do historiador discernir cada informação, cabe ao historiador realizar um trabalho interpretativo desses dados. O pesquisador tem a função de dar um tratamento às fontes, de manipular essas fontes e discernir o melhor para os estudos.

O autor José Carlos Sebe⁵ em seu livro “Manual de História Oral” retrata sobre a importância da oralidade e suas respectivas nuances. O autor salienta:

Como um procedimento democrático, a história oral se presta a atender a todas as camadas sociais. No caso dos silenciados, ela se abre a alternativas mais completas do que para as elites, que podem fornecer outras alternativas de estudos. (SEBE, 2000. P.43)

É possível compreender que a história oral é de suma importância para os estudos, além disso serve para enriquecer a pesquisa. Todas as informações são

⁴ CERTEAU, Michel. A invenção do cotidiano: Artes de fazer. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

⁵ MEIHY, José Carlos Sebe Bom. Manual de História Oral. 3 ed.. São Paulo: Ed. Loyola, 2000.

pertinentes para o trabalho. Cabe ao historiador realizar a seleção das informações. E no que diz respeito a oralidade, Sebe ressalta que deve-se ter uma preparação no ato das entrevistas, exigindo rigorosamente um trabalho direcionado.

Diante da importância dessa oralidade é significativo ressaltar as contribuições dos idosos, que mediante as suas vivências tem muito a contribuir dentro de um processo de construção histórica. Embora eles se sintam muito discriminados pela sociedade, a concepção desses anciãos é que eles não significam nada para a sociedade, pois embora façam parte dela, são altamente excluídos.

Entretanto, muitos dos idosos entrevistados dizem que lutam para continuar sobrevivendo no presente, ou seja, já não se sentem valorizados pelo tempo presente. Um dos objetivos na obra de Ecléa Bosi é transmitir a importância que os idosos têm para o tempo presente. Eles são relevantes para a sociedade uma vez que cada testemunha tem uma contribuição dentro do espaço social. E a compreensão se dá exatamente pelos relatos desses idosos. Sendo assim buscando atentar para as vivências desses idosos, conseguimos compreender o presente e projetarmos o futuro.

Os fatos históricos contribuem para o entendimento atual, e o livro “Memória e sociedade” vem despertar que não são apenas os jovens os detentores de sabedoria para construção histórica em sociedade. Mas a memória desses velhos é como fonte que emana muitas informações que só apenas eles na sua experiência e vivência em tempos passados seriam capazes de revelar fatos extraordinários para compreensão da sociedade atual, como relatado anteriormente. Mas como observamos no livro de Ecléa Bosi⁶, as experiências dos velhos são interessantes e importantes, porém diante do pensamento de alguns da sociedade, velhos não são tão especiais. Segundo Bosi:

A velhice que é fator natural como a cor da pele, é tomada preconceituosamente pelo outro. Há no transcorrer da vida, momentos de crise de identificação: na adolescência também nossa imagem se quebra, mas o adolescente vive um período de transição, não de declínio. O velho sente-se um indivíduo diminuído, que luta para continuar sendo um homem. (BOSI, 1994, p.37)

⁶ Idem

Quando realizamos a leitura do livro de Bosi, percebemos que a mesma chama a atenção que a memória desses velhos é de suma importância para a comunidade. Óbvio que diante de muitos idosos, as histórias outrora relatadas serão imbuídas de uma interpretação diferenciada sobre o mesmo fato.

Diante de uma sociedade altamente preconceituosa para com os anciãos, os mesmos não concebem a longevidade como expectativa de vida, para alguns isto traz muita tristeza, pois eles se sentem desvalorizados. E diante disso, a autora relata esse sentimento de desvalorização como um sentimento de opressão enfrentado pelos idosos. A mesma busca em sua obra valorizar a memória dos velhos, quando diz:

Uma lembrança é um diamante bruto que precisa ser lapidado pelo espírito. Sem o trabalho da reflexão e da localização, ela seria uma imagem fugidia. A conversa evocativa de um velho é sempre uma experiência profunda. Repassada de nostalgia, revolta, resignação pelo desfiguramento das paisagens caras, pela desaparecimento de entes amados, é semelhante a uma obra de arte (BOSI, 1994, p. 21, 22).

Para Ecléa Bosi, os relatos desses idosos são importantíssimos, na medida em que possuem vivências, ainda que contando as histórias a sua maneira, mas é possível diante de muitas informações colher o significativo que irá contribuir para o entendimento da sociedade atual como também se construir fatos históricos.

Muitas das vezes os grandes fatos históricos decorrem de histórias outrora vividas. O interessante é que a autora não estava preocupada com a veracidade do narrador, mas para ela no momento da sua pesquisa o que era importante eram as lembranças desses velhos. Refletindo sobre a obra de Bosi é possível associarmos em partes a função do historiador.

Enfim, a função do historiador é ressignificar todas as informações possíveis, se tratando de memória, é importante se ter um olhar diferente. Com certeza, todas as informações de um determinado tema nunca serão esgotadas. Cada pesquisador sempre terá algo inusitado. A sua tarefa é sempre promover uma nova interpretação acerca do fato, da pesquisa.

A presente pesquisa se divide em dois capítulos. O primeiro discorre sobre “A Seca e sua problemática social e econômica”, apontando sua conceituação e abrangência no país, com um recorte delimitado ao sertão nordestino, o semiárido, contextualização das principais consequências geradas pela seca de 32, o

sofrimento e a luta dos flagelados pela sobrevivência. O segundo capítulo intitulado “Olhares sobre o cotidiano na história” aborda resumidamente sobre o *modus vivendi* das mulheres, sobretudo das “viúvas da seca”, a superação do gênero feminino através da assunção de papel (chefe de arrimo) tipicamente masculino, suas habilidades, hábitos e o cotidiano das mulheres para superar os efeitos da seca e garantir a sobrevivência da prole, a preservação das memórias e lembranças dos descendentes (velhos) da seca, através da oralidade.

Enfim, minha intenção nesta pesquisa é produzir para a Academia uma contribuição histórica sobre a região, especificamente do município de Miguel Calmon. Deixar registrado como as famílias em Miguel Calmon e região resistiram aos flagelos da seca, ou seja, valorizar a história de uma geração destemida que batalhou contra os efeitos nefastos da seca, a fim de perpetuar seus descendentes através do tempo.

I CAPÍTULO - A SECA E SUA PROBLEMÁTICA SOCIAL E ECONÔMICA

"Para se viver no Nordeste
Tem que ser cabra da peste:
Tem que se ter secura e ternura
Ser duro e ser forte
Amar a vida
E não temer a morte".
(Gil Guimarães)

1.1. CONCEITO DE SECA

A seca aparece quando uma região enfrenta longos períodos de estiagem ou registra chuvas escassas e insuficientes. A seca é característica pela sua imprevisão quanto a sua duração e as consequências provocadas no meio ambiente, afetando a sobrevivência de homens e de ecossistemas.

Além disso, agrava problemas sociais e econômicos crônicos, porque compromete principalmente a produção da agricultura e pecuária comercial e de subsistência, muitas vezes dizimando parte dos rebanhos, causa forte fluxo migratório de populações, principalmente massas de trabalhadores rurais, enfim traz uma série de turbulências no meio ambiente e social.

Nessas condições, as camadas mais pobres da população rural tornam-se inteiramente vulneráveis ao fenômeno climático. Historicamente, a sobrevivência daqueles contingentes de pessoas tem dependido das políticas oficiais de açudagem, distribuição de alimentos e de água em carros pipas e formação de frentes de serviços. No mapa abaixo mostra um dos resultados das frentes de serviços durante a seca de 1932:

Figura n° 1



Fonte: Andréia Miranda, foto capturada em 01.06.2014.

O tanque da foto abaixo foi construído durante a seca de 1932, no Povoado de Água Branca, Miguel Calmon-BA, através de frente de serviço formada por moradores locais. Informação dada pelo morador Osvaldo Miranda.

Na definição de Josué Castro⁷, as secas podem ser compreendidas segundo a amplitude de seus efeitos sobre o ambiente:

Com as secas desorganizam-se completamente a economia regional e instala-se a fome no sertão. Os seus efeitos sempre desastrosos são de amplitude variada, conforme se trate de seca parcial, limitada a pequena área, ou uma grande seca, abrangendo considerável extensão, ou, finalmente, de uma seca excepcional, das que atingem de vez em quando todo o sertão em bloco. (CASTRO, 1984, p.217)

Inevitavelmente, a seca interfere nas relações humanas desenvolvidas dentro de uma comunidade, promovendo crises entre as famílias e desestabilizando governos e organizações, afetando drasticamente o cotidiano das populações, levando-as quase sempre a saga pela sobrevivência.

⁷ CASTRO, Josué. *Geografia da fome: o dilema brasileiro: pão ou aço*. Rio de Janeiro: Edições Antares, 1984.

Em sua obra “A seca: mito ou realidade”, Manoel Correia de Andrade⁸ traça uma série de explicações a respeito das secas no Nordeste. O autor defende que “a seca, apontada como a culpada por todos os males da região não é própria apenas do Nordeste do Brasil, mas de amplas regiões da superfície da Terra” (1985, p. 18). Ainda postula sobre a previsibilidade deste fenômeno natural:

A seca é um fenômeno físico, natural que ocorre com frequência e com certa periodicidade. Ela pode porém ser prevista com uma certa antecedência, como ocorreu com a atual que foi prevista pelo ITA. (ANDRADE, 1985, p.33)

1.2. A SECA NO SERTÃO NORDESTINO

O problema das secas e estiagens agrava ainda mais a aridez e secura das paisagens de algumas regiões do Nordeste, principalmente do sertão nordestino. Ela traz um cenário de condições sub-humanas, marcado pela miséria, escassez, fome, morte e muitas vezes negligência governamental. Dizima plantas, animais e pessoas, devastando o meio ambiente. São tempos muito difíceis, de muito sofrimento, desespero, solidariedade, fé e dúvida. Historicamente, quanto mais antiga for a seca, mais prejuízos e desgraças ela causou as populações.

No município de Miguel Calmon, no período de 1932, existiram casos de mortes em consequência direta ou indiretamente da fome como mostra os documentos em anexos. Exemplo de enfermidades acometidas por falta de imunidade física são: paludismo, carência alimentar, miséria orgânica, no total morreram 11 pessoas em um mês.

Na luta pela sobrevivência, as populações sertanejas apelam para alimentos alternativos e exóticos encontrados na natureza circundante para alimentar suas famílias e prolongar a vida de seus parques rebanhos: palma, mandacaru, ouricuzeiros, lagartos, passarinhos, etc.

Desse modo, a História vai revelar as marcas de um povo sertanejo forte, renitente e criativo em meio às terríveis adversidades trazidas pela seca. A seca maltrata, mas ajuda a esculpir a identidade do sertanejo, assim como o deserto o faz

⁸ ANDRADE, Manoel Correia de. A seca: mito e realidade. Coleção Nordeste em Evidência. Pernambuco: Editora ASA, 1985, p.18.

para os beduínos. Nas palavras de Castro⁹: “Nenhum povo do mundo, à exceção talvez do chinês se mostra tão enraizado a uma terra que periodicamente se mostra tão ingrata, como o sertanejo ao Nordeste”. (CASTRO, 1984, p.242)

1.3. O SEMIÁRIDO

O Semiárido¹⁰ corresponde a 53% da área do Nordeste, e é uma zona sujeita a períodos cíclicos de secas. O sertão nordestino apresenta clima seco e quente, com chuvas que se concentram nas estações de verão e outono. A região sofre a influência direta de várias massas de ar (a Equatorial Atlântica, a Equatorial Continental, a Polar e as Tépidas Atlântica e Calaariana) que, de certa forma, interferem na formação do seu clima, mas essas massas adentram o interior do Nordeste com pouca energia, tornando extremamente variáveis não apenas os volumes das precipitações caídas mas, principalmente, os intervalos entre as chuvas.

Segundo dados extraídos da pesquisa de Suassuna¹¹, no Semiárido chove pouco (as precipitações variam entre 500 e 800 mm, havendo, no entanto, bolsões significativos de 400 mm) e as chuvas são mal distribuídas no tempo, sendo uma verdadeira loteria a ocorrência de chuvas sucessivas, em pequenos intervalos. Portanto, o que realmente caracteriza uma seca não é o baixo volume de chuvas caídas e sim a sua distribuição no tempo.

Segundo a concepção de Castro, o Semiárido possui características peculiares, onde sobressai a escassez de água:

Toda a paisagem natural, desde a topografia, as características do solo, a fisionomia vegetal, a fauna, a economia e a vida social da região, tudo traz marcado, com uma nitidez inconfundível, a influência da falta d'água, da inconstância da água nesta região semidesértica. (CASTRO, 1984, p.177)

⁹ CASTRO, Josué. Geografia da fome: o dilema brasileiro: pão ou aço. Rio de Janeiro: Edições Antares, 1984.

¹⁰ SUASSUNA, João. SEMI-ÁRIDO: proposta de convivência com a seca. Suassuna é Engº Agrônomo e Pesquisador da Fundação Joaquim Nabuco. Fonte: http://www.fundaj.gov.br/index.php?option=com_content&id=659&Itemid=376.

¹¹ Idem

Segundo o Atlas¹² Nordeste Abastecimento Urbano de Água, o Semiárido brasileiro é um dos maiores, mais populosos e também mais úmidos do mundo. Estendem-se por 976.743 mil quilômetros, abrangendo o norte dos Estados de Minas Gerais e Espírito Santo, os sertões da Bahia, Sergipe, Alagoas, Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte, Ceará, Piauí e uma parte do sudeste do Maranhão. Na escala menor se distribui por 1.132 municípios, e cerca de 20 milhões de habitantes, 12,2% da população do Brasil, desses 56% é urbana e 44% nas áreas rurais.

Figura nº 2



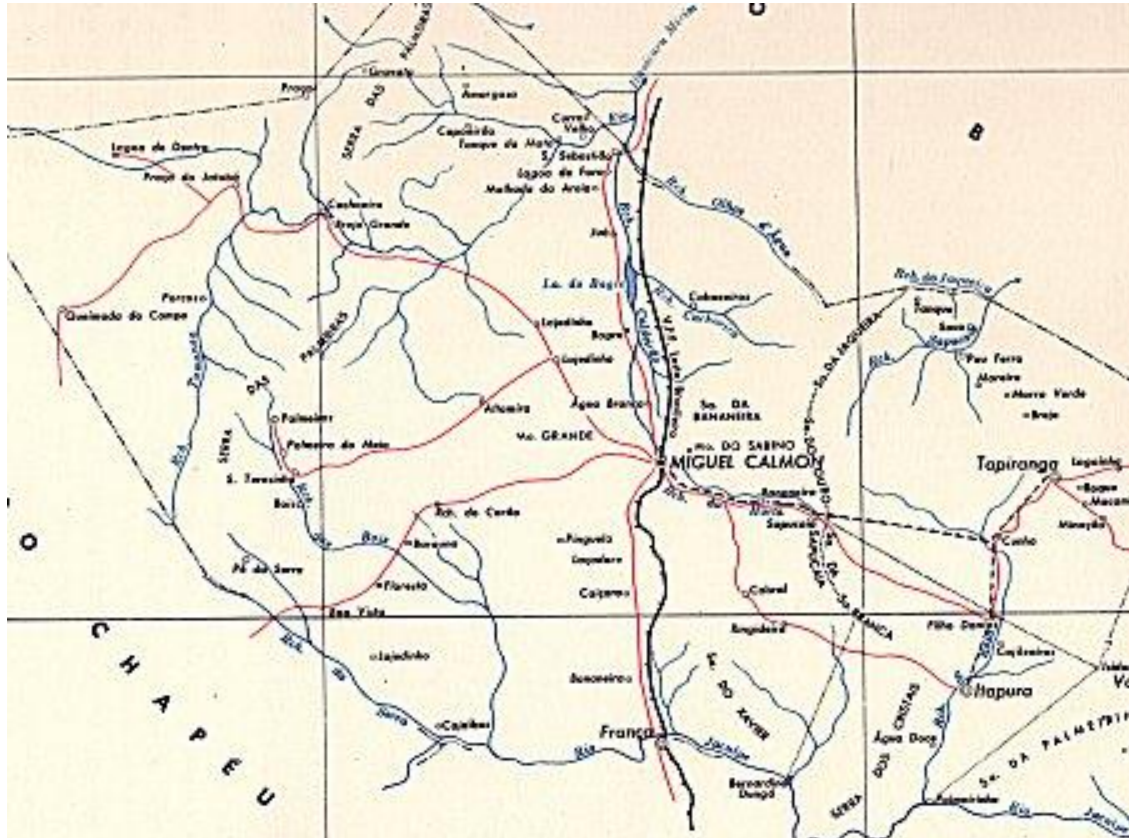
Fonte: <http://atlas.ana.gov.br/Atlas/forms/Home.aspx>. Acessado em 23.06.2014.

Nesta perspectiva, logo nos salta à mente: como era o cenário nos idos de 1932 no pequeno município de Miguel Calmon, localizado no “Semiárido”. Segundo (VILARONGA&CARVALHO, 2007, p. 149), este município está situado na mesorregião do Centro-norte baiano, Microrregião Geográfica e região administrativa de Jacobina, pertencendo à região econômica do Piemonte da Chapada Diamantina, à margem esquerda do Rio Jacuípe estando totalmente incluído no “Polígono das

¹² Sítio mantido pela Agência Nacional de Águas (ANA).

Secas”. O município faz divisão com Jacobina, Várzea do Poço, Piritiba, Morro do Chapéu e Várzea Nova. Quanto à zona rural, o Município é formado por dois distritos, dezenas de povoados, vilarejos e fazendas com aglomerados de residências.

Figura 3



Fonte: http://www.estacoesferroviarias.com.br/ba_lbras/miguel.htm, acessado em 17.12.2014.

Quanto aos recursos de sobrevivência, já eram escassos e rudimentares antes da seca de 1932? A presente pesquisa irá revelar muitos dos acontecimentos que trouxeram angústia daqueles habitantes, especialmente os mais pobres e indefesos como as mulheres sertanejas, a saga de sofrimento e o convívio com as condições mais adversas, e a contundente dignidade delas diante da luta pela sobrevivência.

A questão da seca vem sendo bastante discutido na atualidade, sobretudo com o advento dos longos períodos de estiagem enfrentados pelo Nordeste, cujos desdobramentos têm afetado as políticas dos governos federal, estaduais e municipais.

A seca é um fenômeno analisado por diversos estudiosos, sendo que cada um possui as suas especificidades, cada um possui um olhar sobre os períodos de estiagem.

Segundo Graciela Gonçalves¹³, o fenômeno climático das secas ocorre na região Nordeste do Brasil desde antes da chegada dos europeus, sendo que os documentos são muito escassos durante o período colonial.

A seca nordestina é algo que perdura há séculos, seus problemas são os mais diversos, e seus desdobramentos chegam a repercutir em outras regiões do país. É importante frisar que desde o início do século já havia muita dificuldade quanto à formação de documentos que relatassem sobre os períodos de estiagem da época, daí a escassez de fontes. No entanto, hoje temos acesso a diversas obras históricas, literaturas e também dissertações que retratam sobre esse tema, porém limitadas as secas mais recentes.

De qualquer sorte, esse conhecimento reunido, ainda que fragmentado, possibilita uma compreensão histórica da formação do próprio sertão, do seu povo e de sua cultura, pois sabemos que em parte a identidade sertaneja foi talhada pelas forças intempestivas das secas. Ainda é possível dizer que este conhecimento vem contribuindo para o mapeamento da realidade do sertão, orientando assim políticas públicas que possam amenizar ou neutralizar os efeitos deste fenômeno sobre o ambiente e as pessoas.

Sem dúvida, as secas são um fenômeno que causa grandes prejuízos econômicos, sociais e ambientais. Compreende-se também que a seca sempre existirá, pois está vinculada a fatores climáticos, porém entendemos que a realidade do sertão pode ir muito mais além de algo visto politicamente. Muitos políticos até conhecem o problema do sertão, mas frequentemente tomam medidas em curto prazo, ou seja, medidas paliativas de eficácia restrita a determinado período, ajudando somente a resolver pequenos problemas, mas incapazes de combater a seca em um alcance definitivo.

O ideal seria criar medidas planejadas que fossem capazes de combater e conviver eficazmente com as consequências dos períodos de estiagem, como acontecem em algumas regiões do planeta e do Brasil, que possuem as mesmas

¹³ GONÇALVES, Graciela Rodrigues. As secas na Bahia no século XIX. Sociedade e política, 2000.

características climáticas do Nordeste, mas conseguem vencer os efeitos das estiagens. De acordo com Andrade¹⁴:

[...] a seca não é o grande problema do Nordeste, mas apenas um dos seus grandes problemas e que o Nordeste só se redimirá e se desenvolverá se houver decisões políticas que façam reformas estruturais, que quebrem o controle da propriedade da terra, da concentração de capital e do controle político. (ANDRADE, 1985, p. 31)

Na visão de Andrade¹⁵, a política oficial deve ter um enfoque social e ecológico, a fim de contemplar os dois agentes mais agredidos pela seca: o homem e o meio ambiente:

As questões levantadas nos levam à tomada de posição frente ao problema da seca no Nordeste, salientando que ela é um fenômeno físico, mas que as suas desastrosas consequências são aprofundadas e ampliadas pela ação do homem. Para resolver este problema seria necessário que toda a política oficial para a região assumisse um caráter social e ecológico; social, procurando educar o homem voltado para a realidade em que vive, oferecendo-lhe as condições de acesso à terra e ao trabalho, o que se torna cada dia mais difícil (ANDRADE, 1985, p.14)

A senadora Lídice da Mata¹⁶ na obra “Convivendo com o semiárido” postula um viés sensato a despeito da esperança de acabar com as secas:

Algumas vezes, quando se fala na dura realidade da seca, se diz, erroneamente, que é preciso desenvolver estratégias para acabar com ela. Na verdade, não somos deuses. Não podemos acabar com a seca ou exercer alguma profecia que mude as condições climáticas de uma região ou país. Mas podemos, sim, planejar ações e desenvolver programas que minimizem seus efeitos perversos e garantam as comunidades dessas regiões melhor qualidade de vida (MATA, 2014, p. 6)

1.4. RELATO DAS PRINCIPAIS CONSEQUÊNCIAS DA SECA DE 1932

Conforme retratei anteriormente, a seca é um fenômeno que sempre se repete ao longo dos anos, e que por vezes nunca se chega a grandes soluções. Quando fazemos um levantamento sobre as grandes dificuldades que as pessoas enfrentavam nos períodos de secas, poucos relatos vão ser diferentes. Isso prova que as medidas outrora tomadas são ineficientes ou que só funcionam por um determinado tempo, porque as dificuldades são praticamente as mesmas.

¹⁴ ANDRADE, Manoel Correia de. A seca: mito e realidade. Coleção Nordeste em Evidência. Pernambuco: Editora ASA, 1985.

¹⁵ Idem

¹⁶ MATA, Lídice da. Convivendo com o semiárido. Brasília, DF: Senado Federal, Gabinete da Senadora, 2013, 141 p.

Segundo alguns registros e relatos de pessoas que vivenciaram períodos de estiagens, chegamos a conclusão que os sofrimentos dos sertanejos, embora parecidos, tiveram diferentes tonalidades em determinadas épocas. Dentre esses sofrimentos as pessoas relatavam a dificuldade de encontrar água para as pessoas e os animais, empobrecimento das famílias devido à falta de trabalho e emprego, a alimentação escassa que gerava desnutrição e mortes. Mesmo diante de tantos flagelos nos períodos de seca, o sertanejo lutava para superar os transtornos e manter sua sobrevivência. O escritor e jornalista Euclides da Cunha o primeiro autor brasileiro do início do século XX a retratar a seca e o sertão e o sertanejo com detalhes ¹⁷ em sua obra clássica “Os Sertões” retrata: “O sertanejo é, antes de tudo, um forte”.

O depoimento da sobrevivente da seca de 1932, dona Benedita Rosa de Oliveira¹⁸, 92 anos, revela que os flagelados recorriam a alimentos alternativos colhido entre o que sobrou da natureza. “De licurizeiro, descascava e machucava e fazia a farinha que chamava bró, e com isso faziam o cuscuz, mas ninguém gostou”. Tal testemunho se harmoniza com as informações fornecidas pela ex-professora Dalva Vilaronga¹⁹, que afirma:

Segundo o que meus pais contavam, eles extraíam a batata de umbu, pegavam aquelas palhas, aliás, os entrecascos de ouricurizeiro e faziam farinha, então eles recorriam de tudo que fosse possível pra se alimentar. (VILARONGA, 2014)

Ida Belitardo da Silva²⁰, outra viúva daquela seca, descreve um cenário dramático, marcado pela escassez de quase tudo:

A gente lá arranjava um animalzinho só pra botar as malinhas, as comidas, as roupinhas, as coisas que vinham, mas não tinha nada não. Arranjava um animalzinho, mas tudo foi fome, tudo foi seca, tudo acabou.

Em outro depoimento com Dalva Vilaronga, ouve-se de igual desespero entre os habitantes da época:

... a desnutrição era muito grande, morriam animais e as pessoas também, morriam de fome, viajavam muitas léguas pra comprarem um pingão de

¹⁷ CUNHA, Euclides da. Os Sertões: Campanha de Canudos. 3ª Ed. Rio de Janeiro: F. Alves, 1995.

¹⁸ Benedita Rosa de Oliveira

¹⁹ Dalva Vilaronga, ex-professora, escritora, descendente da seca de 1932, conserva em sua memória fatos sobre contados pelos seus pais sobre esta seca.

²⁰ Ida Belitardo da Silva, aposentada, moradora da cidade de Miguel Calmon. Entrevista realizada em 02/05/2014.

farinha, um pouco de farinha, mesmo assim era difícil pois não tinham o dinheiro pra comprar e nem tinha o produto.

A afirmação de Euclides da Cunha²¹ vem demonstrar que, apesar de todas as adversidades e circunstâncias geradas pela seca, o sertanejo as enfrenta com dignidade, perseverança e fé, não desistindo de seus ideais, encontrando forças para lutar pela sobrevivência de sua prole e de seus criatórios até as últimas consequências. Esta saga é também descrita por Manoel Correia de Castro²²:

O esforço que o sertanejo desenvolve para obter os frutos desta fartura transitória é titânico e como que o absorve inteiramente, não lhe deixando tempo nem energia pra cuidar de outros aspectos fundamentais da vida. Esta é uma das razões da estagnação em que permanece o sertão, apesar do espírito empreendedor do sertanejo. (CASTRO, 1984, p. 217)

A seca de 1932 será o período ao qual abordarei especificamente em minha pesquisa retratando a seca no contexto regional e local do município de Miguel Calmon.

As pessoas que entrevistei relatam que, diante de diversas secas enfrentadas, ressaltam que a seca de 1932 foi a mais terrível, pessoas passaram fome, enfrentando dificuldade extrema para providenciar alimentos, morrendo também por falta de comida. Trabalho já não existia, e por conta desse grande flagelo as pessoas eram muitas vezes obrigadas a migrar para outras regiões à procura de trabalho em troca de um prato de comida. Dessa forma, a tragédia da seca de 1932 gerou um grande êxodo das populações. As pessoas contaram que muitas mortes eram provocadas por doenças que se desenvolveram devido às condições precárias de higiene, dada à escassez de água potável. Algumas regiões sofreram com epidemias de doenças como a varíola, que facilmente proliferavam por causa da desnutrição das pessoas.

A despeito dos efeitos devastadores daquela seca, encontramos no Arquivo Público Municipal de Jacobina lista²³ contendo 184 casos de óbitos do ano de 1932 e 1933, concernentes aos registros feitos pelo Cartório de Pessoas Naturais do referido município. Observamos que as causas mortis apontadas pelas autoridades médicas da época têm forte ligação com os efeitos deletérios da seca: “paludismo

²¹ Dalva Vilaronga, 81 anos, viúva, descendente da seca de 1932, é escritora, poetisa e reconhecida por sua inexorável memória.

²² CASTRO, Josué. Geografia da fome: o dilema brasileiro: pão ou aço. Rio de Janeiro: Edições Antares, 1984.

²³ A lista digitalizada consta no Anexo desta monografia.

crônico e carência alimentar”, “carência de alimento”, “fome”, “miséria orgânica”, “debilidade congênita”. Outro aspecto importante é a elevada ocorrência de mortes de recém-nascidos e crianças, o que pode estar relacionado com a desnutrição que os atingia.

Segundo uma testemunha que viveu a seca de 1932, no município de Miguel Calmon, a aposentada Ida Belitardo da Silva, esta seca durou três anos seguidos sem chover. Nas suas palavras “a farinha era uma carestia enorme, um prato de farinha é cinco litros, era dois mil réis um prato, ninguém tinha dinheiro pra comprar”.

Diante das leituras realizadas, percebemos que os próprios relatos das pessoas são parecidos com certas obras literárias. No ato das entrevistas, a despeito da seca de 1932, os entrevistados esclareciam que o motivo pelo qual as pessoas deixavam suas famílias era a busca de trabalho e de melhores condições de vida. Enfim, diante de diversas situações alarmantes, logo me veio a memória do livro de Raquel Queiroz²⁴, “O Quinze”, obra em que autora retrata justamente sobre a luta do retirante, e que em função da seca a família precisava sair da sua cidade e durante a sua viagem um filho morre e outro desaparece. Enfim a obra demonstra realmente como de fato acontece no sertão nordestino.

A grande seca de 1932 na Bahia teve repercussão nacional. Naquela época o governo federal foi acionado, e ajuda que se conseguiu veio através da autorização das frentes de serviços, responsáveis pelas construções de estradas, açudes, e calçamentos na tentativa de amenizar o sofrimento do povo.

É interessante enfatizar que a História em si apresenta diversas facetas, e relacionando a sua época, a história a luz de cada historiador se apresentará de forma diferenciada. Os autores buscam uma definição dessa história ao longo dos estudos, a partir de um novo olhar através de novas abordagens. Não desvalorizando o conceito de história que foi definido tradicionalmente, mas os historiadores buscam definir a história no seu tempo, entendendo que a história é dinâmica. Cada história possui a sua própria estrutura e diferentes abordagens.

As secas sempre soam como tenebrosas tragédias para o Sertão, levando o povo ao empobrecimento. As regiões afetadas tornam fragilizadas, enquanto perdem consideravelmente seus recursos naturais e humanos, a autoestima do povo fica mais abalada diante da discriminação e vergonha com que é visto pelos demais

²⁴ QUEIROZ, Rachel de. O Quinze. São Paulo: Siciliano, 1993.

compatriotas. Foi dessa forma, desenvolvida uma imagem negativa do sertão, de um lugar que não pode se esperar grandes coisas, de um lugar atrasado, sem civilização, onde nada que se possa desenvolver há de mudar sua triste realidade. Na obra “A Invenção do Nordeste”, o escritor Durval Muniz de Albuquerque²⁵ aborda sobre esses estigmas de incivilidade e atraso imputados a essa região do país.

O autor supracitado discute diante dos discursos da seca como a imagem do Nordeste acabou ganhando formas, a região em si, seus dilemas, seus flagelos acabaram por transmitir uma mensagem deturpada acerca do Nordeste. Bem da verdade o Sertão sofre com a seca isso é indiscutível. Porém o fato do sertão passar por esses momentos difíceis, não quer dizer que seja um lugar esquecido que não possua valores e até mesmo tenha reduzida a sua importância como região. Em detrimento dos discursos da seca, suas misérias outrora relatadas fortalecem grandes consequências negativas para a região. Diante das concepções de Durval Muniz Albuquerque²⁶, esse problema é mais bem definido:

O Nordeste é uma produção imagético-discursivo formada a partir de uma sensibilidade cada vez mais específica, gestada historicamente, em relação a uma dada área do país. E tal a consistência desta formulação discursiva e imagética que dificulta, até hoje, a produção de uma nova configuração de verdades sobre este espaço. (ALBUQUERQUE, 1999, p.49)

O drama vivido por muitos sertanejos instigou muitos escritores a desenvolverem estudos frente aos problemas referentes à seca nordestina. Dentre os escritores, o poeta João de Cabral de Melo Neto²⁷, em “Morte e vida Severina”, traça o perfil dramático do sertanejo pobre, deixando entrever quanto à situação se agrava quando a seca o atinge:

Somos muitos Severinos iguais em tudo na vida: na mesma cabeça grande que a custo se equilibra, no mesmo ventre crescido sobre as mesmas pernas finas, e iguais também porque o sangue que usamos tem pouca tinta. E se somos Severinos iguais em tudo na vida, morremos de morte igual, mesma morte Severina: que é a morte de que se morre de velhice antes dos trinta, de fome um pouco por dia (de fraqueza e de doença é que a morte Severina ataca em qualquer idade e até gente não nascida). Somos muitos Severinos iguais em tudo e na sina: a de abrandar estas pedras suando-se muito em cima, a de tentar despertar terra sempre mais extinta, a de querer arrancar algum roçado de cinza. (NETO, 1965, p. 32)

²⁵ ALBUQUERQUE JR. Durval Muniz de. A invenção do Nordeste e outras artes. São Paulo: Cortez, 1999.

²⁶

²⁷

A Senadora Lídice da Mata²⁸, na obra “Convivendo com o semiárido”, busca promover a imagem de um Nordeste melhor, onde não seja necessária a migração, já que é possível viver no sertão. Tudo o que precisa ser vencido são as adversidades do clima. E para que isso possa acontecer, além dos estudos nas áreas afetadas, é necessário que desenvolva políticas eficientes para dessa forma se caminhar para um Nordeste melhor, sem preconceitos, sem desesperança, a despeito de um cenário repleto de miséria, de muita dor e sofrimento.

²⁸ MATA, Lídice da. Convivendo com o semiárido. Brasília, DF: Senado Federal, Gabinete da Senadora, 2013, 141 p.

II CAPÍTULO - OLHARES SOBRE O COTIDIANO NA HISTÓRIA

2.1. O DRAMA FEMININO NO PERÍODO DA SECA

A história das mulheres escrita pela autora Joan Scott oferece uma reflexão sobre o universo feminino. Tem o mero objetivo de demonstrar a trajetória das mulheres, o seu cotidiano como eram vistas na sociedade. Ou melhor, como foi o papel dessas mulheres na história. As mulheres empreenderam grandes lutas, pois a todo tempo buscam o seu espaço na sociedade. Eram muito discriminadas, não eram reconhecidas e valorizadas pelo simples fato de serem mulheres. Mesmo possuindo potencialidades, eram sempre colocadas em um patamar de inferioridade, já que os homens exerciam lugares privilegiados e eram altamente machistas.

A autora realiza uma narrativa da história das mulheres. Em meio à luta das mulheres, é constituído o movimento feminista que foi criado como forma de fortalecê-las e combater a segregação de gênero. Com o intuito de reivindicar seus direitos e de se promover igualdades diante de muitos preconceitos. Dessa, forma cada vez mais as mulheres foram conquistando espaços na sociedade, principalmente nas universidades.

A luta dessas mulheres era com o objetivo de mostrar que detinham conhecimento tanto quanto a classe masculina, mas o que faltavam a essas mulheres eram espaços e buscavam desconstruir a imagem de mulheres como seres que não pudessem estar na mesma posição que o homem. Elas buscavam acabar com tamanha diferenciação entre a mulher e o homem, no que tange a esfera profissional. Todavia empreenderam lutas acirrantas, com esse propósito. A referida autora buscou mostrar como giravam as relações de poder, o sistema diante dessa visão feminista, e finaliza afirmando que a história das mulheres foi um campo implacável estadista.

Durante a seca de 1932, as mulheres responsáveis por tarefas domésticas, aparentemente simples, mas eram penosas para a época, como cuidar dos filhos (geralmente uma grande prole), providenciar água no lombo dos animais, buscar

lenha no mato, lavar roupa em minações (geralmente encostas de serras). É o que testifica o depoimento da senhora Aurelina Umbelina dos Anjos Rios²⁹:

Eu morava em Brejo Grande [povoado], era um sofrimento, naquele tempo faltou água, nos lavava roupa nos Bagres [cerca de 10 km de distância do Brejo Grande] ou em Pé da Serra [25 km], quando chegava em casa era 12 horas da manhã [...] ficamos lá até 2h da manhã, eu e Julia.

Muitos foram os desafios que as mulheres tiveram que enfrentar, mas no fundo sabiam que eram capazes, e por isso se fortaleciam e cada vez mais encontravam forças para lutar contra o preconceito. Segundo Scott³⁰:

A nova identidade coletiva das mulheres na academia anunciava uma experiência compartilhada de discriminação baseada na diferenciação sexual e também admitia que as historiadoras, como grupo, tinham necessidades e interesses particulares que não poderiam ser subordinados à categoria geral dos historiadores. (SCOTT, 1992, p.69)

E desde então é apresentado nos estudos de Joan Scott como se dava essa diferenciação entre a mulher e o homem, como eram as suas relações e reconhecimento perante a sociedade. Mesmo diante de tantos preconceitos, as mulheres tinham a concepção e acreditavam em suas potencialidades e que era possível sim a mulher exercer o seu papel perante a sociedade.

O que as mulheres buscavam eram o seu reconhecimento, a sua definição como profissional. O autor Michel de Certeau³¹ enfatiza que as mulheres não somente possam escrever a histórias das mulheres, mas que a história das mulheres traz à luz as questões de domínio e de objetividade sobre as quais as normas disciplinares são edificadas. (CERTEAU, 1994, p.79)

As mulheres da época da seca de 1932 tinham muitos filhos, não podendo ir embora com seus maridos, e acabavam ficando no sertão, sozinhas com sua prole, tendo que cuidar corajosamente da família, com uma única esperança em seu coração: que os seus companheiros um dia pudessem regressar. A seca é um cenário que destrói a vida de todos. Nas entrevistas realizadas, foi possível perceber as angústias das pessoas ao relatarem o sofrimento das famílias. Os descendentes da seca narram por meio de muita tristeza, que a seca de 1932 foi

²⁹ Aurelina Umbelina dos Anjos Rios, aposentada, moradora da Av. José Otávio de Senna, 651. Entrevista realizada em 02/05/2014.

³⁰ SCOTT, Joan. História das Mulheres. In. BURKER, Peter. A escrita da história: novas perspectivas. São Paulo: UNESP, 1992

³¹ CERTEAU, Michel. A invenção do cotidiano: Artes de fazer. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

terrível. Frequentemente, tomados por espírito de solidariedade, as pessoas se uniam para dividir o pouco que tinham.

O sonho de todos os nordestinos é que a chuva chegasse ao sertão, ou que pelo menos as autoridades pudessem ajudar de alguma forma. O desejo de todas as pessoas afetadas com a seca, certamente não era migrar para outras regiões, mas que projetos fossem viabilizados na tentativa de se manter o povo na sua terra, através de empregos ofertados na própria região. Mas as pessoas sabiam que, com a chegada da seca, o futuro para todos era algo muito incerto.

E todas as épocas de estiagens os relatos eram os mesmos de muito sofrimento. Certo que cada período de estiagem foi analisado de forma diferente. A seca de 1932 foi sempre relatada pelas pessoas como um período mais crítico. As dificuldades impostas pela seca, quando relatadas pelas pessoas, têm conotações assustadoras. Mesmo porque não contavam com nenhum tipo de recurso. Não tinham grandes esperanças, pois a época era tudo muito difícil.

Segundo o livro “Retrato de Miguel Calmon – Análise Geral do Município”, a seca de 1932 foi marcada pelo desespero de multidões de famigerados e por explorações alternativas da natureza para garantir a sobrevivência:

A estiagem foi longa em toda a região Nordeste. Faltou alimentação básica para a população, resultando em um contingente considerável de pedintes da zona rural e urbana. Muitos habitantes daqui não conseguiram migrar para outras regiões. Na luta pela sobrevivência, recorriam a alimentos alternativos que estavam ao seu alcance, como palmito extraído dos ouricurizeiros e farinha de batata dos umbuzeiros (³²VILARONGA & CARVALHO, 2007, p. 82)

Os relatos dos entrevistados são muito importantes para a construção histórica de um passado marcado pela ausência de documento. Com certeza, as fontes orais serviu como contribuição para enriquecer o trabalho de pesquisa. Porém como o objeto de estudo é analisado no período de 1932, os entrevistados guardam nas suas lembranças muitos fatos. Entretanto, o historiador nato sabe que é necessário desconfiar dos fatos outrora relatados, serão proveitosos, porém é tarefa do historiador ouvir os relatos e analisá-los criteriosamente.

³² VILARONGA, Dalva & CARVALHO, Geferson. Retrato de Miguel Calmon Análise Geral do Município. Jacobina, Bahia: Editora Oxente, 2007.

Segundo o livro “História e Memória”, de Montenegro³³, “para o historiador, o encontro com o entrevistado é sempre uma interrogação, como diante de um documento desconhecido”. Observa Alessandro Portelli³⁴ que “o controle do discurso histórico permanece firmemente nas mãos do historiador”, sobretudo porque ele selecionaria o que o entrevistado deveria narrar, e em geral, é ela quem se responsabiliza pela forma final da entrevista para publicação/divulgação. No entanto, inúmeras vezes o entrevistado, apesar de ter vivido uma série de experiências, participado ativamente de diversos acontecimentos marcantes no período em foco, tem uma narrativa que em nada ou muito pouco ajuda na reconstrução do passado. (MONTENEGRO, 2001, p. 21)

Conforme retratei anteriormente a visão do autor acerca da visão e papel do historiador. É primordial que o historiador seja criterioso e que possua um olhar detalhista frente ao objeto de pesquisa. Todas as fontes, inclusive as fontes orais necessitam de um tratamento especial. As fontes orais enriquece o trabalho de pesquisa, pois a mesma é capaz de desenvolver a compreensão dos fatos ocorridos.

A obra “A Invenção do Cotidiano” de Michel de Certeau³⁵ abarca diversas situações do cotidiano, com o objetivo de se conhecer mais de perto a vida das pessoas em sociedade. Porém, o autor usa as formas mais simples para entender o universo cultural popular, modelo esse constituído em sociedade, a partir de cada costume, de um modo de vida, comportamentos, de práticas corriqueiras. Segundo o autor:

Os relatos de que se compõe essa obra pretendem narrar práticas comuns. Introduzi-las com as experiências particulares, as frequentações, as solidariedades e as lutas que organizam o espaço onde essas narrações vão abrindo um caminho, significará eliminar um campo. Com isto, se precisará igualmente uma “maneira de caminhar”, que pertence, aliás, às “maneiras de fazer” de que aqui se trata. Para ler e escrever a cultura ordinária, é mister reaprender operações comuns e fazer da análise uma variante do seu objeto. (CERTEAU, 2005, p.35)

O autor acima procurava desvendar o verdadeiro modelo de cultura presente em uma sociedade comum. Para melhor entendimento, o autor tinha como objeto do

³³ MONTENEGRO, Antonio Torres. História Oral e Memória: a cultura popular revisitada. 3ª Ed. São Paulo: Contexto, 2001.

³⁴ Portelli

³⁵ CERTEAU, Michel. A invenção do cotidiano: Artes de fazer. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

seu estudo, as práticas de fazer, o cotidiano das pessoas em sociedade. O escritor prima pelo campo da observação, ao analisar o convívio das pessoas para conseguir desenvolver seus estudos com maior precisão. Na verdade, seus estudos partiam de um olhar social, voltado a lugares simples. Para melhor entendimento da sua pesquisa realizava um estudo organizado e cronológico, onde sua pretensão era desenvolver um estudo a partir das vivências. Enfim, o escritor busca mostrar diante do dia-dia das pessoas o desenvolvimento de um processo sociocultural.

Logo a visão de Certeau nos remete ao cotidiano das “viúvas da seca”, que viviam de maneira simples, diante das suas dificuldades buscavam as formas de sobrevivência através de suas práticas. Elas inventavam todos os dias as estratégias de sobrevivência.

O livro o “Retorno de Martin Guerre”, escrito por Natalie Zemon Davis³⁶, também discorre acerca da narrativa dos acontecimentos cotidianos, buscando narrar a história cotidiana de uma mulher de forma diferenciada. Trata-se de uma obra historiográfica, mas com narrativa de cunho literário. O livro foi escrito em 1983, época em que havia muita crítica em relação à história das mentalidades. A autora faz uma análise e escreve uma micro história. Na construção do livro, Natalie Davis utiliza vários documentos, fazendo uso das fontes literárias, os relatos do juiz Jean de Coras, e ainda associação da obra com a Antropologia.

O livro foi de suma importância para época, por se contar a história de forma bem diferente o cotidiano da “viúva” de Martin Guerre. A autora comenta sobre a fronteira que existe entre a Literatura e a História. Algo importante na escrita de Natalie Davis é o fato de ter trabalhado com o método investigativo, segundo afirma: “O que aqui ofereço ao leitor é, em parte, uma invenção minha, mas uma invenção construída pela atenta escuta das vozes do passado” (DAVIS, 1987, p.)

Segundo Davis, seu livro retrata sobre o cotidiano da mulher. A jovem Bertrande de Rols, esposa de Martim Guerre, logo após o seu casamento foi abandonada pelo seu marido, devido à suposta impossibilidade dele em ter filhos. Diante dessa situação, a esposa teve que desenvolver estratégias para a sua sobrevivência e a do seu filho em seu ventre (que foi gerado dias antes do pai abandonar o lar).

³⁶ DAVIS, Natalie Zemon. O Retorno de Martim Guerre; tradução Denise Bottmann. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1987.

Dessa maneira é possível relacionarmos o modo de vida dessa mulher relatado no livro de Davis ao contexto da pesquisa histórica sobre a seca nordestina, no tocante às mulheres do sertão no enfrentamento dos flagelos da seca. Seus companheiros são obrigados a deixá-las e a migrarem para outras regiões a procura de trabalho para sustento da família.

Enfim, é possível analisar que todo trabalho é desenvolvido com bastante dificuldade, especificamente quanto às fontes. Porém, entende-se que é possível na medida em que a autora demonstrou em seu trabalho que muitas vezes teve que se valer dos seus próprios entendimentos, ou melhor, a autora fez bom uso das poucas fontes que tinha em mãos. Mas demonstrou que a função do historiador é investigar, é ir além em suas pesquisas, e sempre questionar o objeto de estudo. Faz parte do senso crítico do historiador o desconfiar das fontes, devendo sempre analisar cuidadosamente os relatos das pessoas, corrigindo se necessário suas distorções ou contradições. E dessa forma a autora foi tecendo a sua escrita. Não basta ter apenas as fontes; elas precisam ser analisadas de forma minuciosa.

2.2. O COTIDIANO DAS “VIÚVAS DA SECA” DE 1932

Após um cenário drástico no sertão de muita dor e sofrimento em consequência da seca, as mulheres calmonenses tinham o seu cotidiano penosamente alterado, além de ter que conviver com a miséria da falta de alimentos, água, e ainda ter que assumir o papel de liderança, própria dos homens da época, função conhecida como “arrimo de família”.

Durante o período da seca, parte das mulheres, sobretudo esposas ou companheiras de trabalhadores sem carteira assinada (trabalhadores rurais, autônomos, desempregados, etc), na falta dos maridos, passavam a ser chefes de família. Encurralados pela falta de trabalho e renda, e esgotadas as alternativas de permanecer lutando contra as intempéries da seca, muitos maridos migravam para outras regiões a procura de trabalho, com o objetivo de poder enviar dinheiro para suas famílias.

Porém, muitos dos projetos de algumas famílias nordestinas eram frustrados. Às vezes, o trabalho que encontravam mal dava para comer e não tinham condições

para destinar nenhum recurso para suas famílias. Nesta saga da sobrevivência, muitos maridos nem voltavam mais para o seu lar. E alguns retirantes muitas vezes acabavam morrendo durante a viagem, pois não conseguiam renda ou alimentos a tempo debelar a desnutrição que padeciam quando da exaustiva viagem. Diante desse flagelo, as mulheres buscavam outras opções para o sustento familiar, além disso, outros formavam novas famílias.

Diante do que foi mencionado acima, podemos afirmar que o papel da mulher na sociedade sempre foi importante, porém nunca reconhecido e, diante de uma “sociedade da época”, como fora perfeitamente a dos idos de 1932, altamente machista, as concepções femininas nunca eram levadas em conta. Todavia, a presente pesquisa permitiu analisar que, nos momentos mais críticos da história, como durante o enfrentamento de uma seca, essas mulheres, mesmo relegadas “sem valor”, eram de fato quem assumiam as responsabilidades no contexto familiar, na ausência ou abandono do provedor, incorporando de forma direta a função do homem.

Diante do sofrimento, as mulheres contavam apenas com a ajuda dos filhos para continuar a luta pela sobrevivência. Dentre os muitos filhos, o mais velho é quem permanecia sempre como braço direito. Interessante que a partir da entrevista fornecida pelo senhor Aurelino Souza³⁷, agricultor aposentado, residente no povoado de Formosa, do Município de Miguel Calmon-BA, retrata que o cenário da seca de 1932 foi de dificuldades extremas, e que a sua mãe passou por esse drama junto com seus irmãos. Ficou viúva durante a seca e teve que cuidar dos filhos e trabalhar de forma árdua para manter a sobrevivência da família. O senhor Aurelino nos conta que a sua genitora estocava alimentos para poder suprir a família nos momentos de maior escassez. Um pouco antes de a seca apresentar os primeiros sinais, sua família já costumava armazenar tudo que conseguiam através das plantações.

Em outra entrevista, a escritora Dalva Vilaronga, que nasceu dois anos após a seca de 1932, recorda que seus pais relataram que aquela seca espalhou-se por todo o Nordeste, e que eles recebiam informações de que, nas frentes de serviços do Ceará e Paraíba, os organizadores estrategicamente davam carne de jabá com farinha aos trabalhadores, a fim de que eles bebessem muita água e não sentissem fome. Ainda acrescenta que os prefeitos da região do município de Miguel Calmon

³⁷ Aurelino B. Souza

organizavam frentes de serviços para construir principalmente tanques e açudes, onde as mulheres também cavavam e carregavam terra. A partir da indicação de um morador, foi tirada uma foto (ver os anexos) de um tanque construído no Povoado de Água Branca, Miguel Calmon-BA, no ano de 1932.

Além do que foi dito, conseguir trabalho fixo ou provisório para as mulheres era algo muito difícil e complicado. Naquele período de 1932, raramente se encontrava oportunidades de emprego para o sexo feminino, pois mesmo antes da seca, a oferta de trabalho resumia-se a agricultura, seja a de subsistência familiar ou a empreendida pelos produtores rurais, atividade na qual elas exerciam pequenas funções de plantar e colher a produção, muitas vezes recebendo o pagamento em forma de alimentos ou pequenos valores. Diante da falta de chuvas, a situação se agravava, pois não havia condições de fazer plantações.

Os animais acabavam morrendo de fome e de sede juntamente com a população. Não se encontrava outras oportunidades, além das obras contra a seca, como construções de açudes, que eram mais apropriados para o sexo masculino. Nos relatos dos depoentes, as pessoas se uniam naquela época e dividiam o que possuíam. Os rebanhos rapidamente eram tragados pela fúria da fome e sede. Não se encontrava outras oportunidades, nos relatos dos depoentes, as pessoas eram solidárias, se unindo para dividir o pouco que possuíam.

A professora Dalva Vilaronga relata que o seu pai possuía um armazém, onde as pessoas, para saciar a fome, pediam alimentos mais do que intencionam comprar. Relata que seus pais ajudaram a tantos pedintes que provocaram a falência deste negócio:

Não meus pais, recém-casados na época, eles casaram em 1931, então em 1932 eles abriram um pequeno comércio. E aí venderam produtos assim como carne, farinha, feijão, coisas assim, alimentos. Quando eles viram tanta gente assim com fome, eles deram tudo e distribuíram tudo, que depois eles fracassaram no negócio. (DALVA VILARONGA, 2014)

Porém, as ajudas proporcionadas pelo governo eram frentes de serviços para construções de reservatórios de água (açudes e tanques) e construções de estradas. Trabalho muito árduo que competia predominantemente aos homens. A grande questão era a situação das mulheres, pois a maioria das frentes de serviços eram trabalhos adaptados para homens. E cada dia se tornava difícil a posição dessas mulheres diante da necessidade de encontrar emprego.

Nas entrevistas realizadas, foi possível perceber as angústias das pessoas ao relatarem o sofrimento das famílias. Os descendentes da seca narram com muita tristeza que a seca de 1932 foi terrível. Faltava tudo: alimento, água, e trabalho já não existiam. Muitas das vezes as pessoas se uniam para dividir o pouco que tinham. Era uma dura realidade do povo sertanejo especialmente os calmonenses, mais difícil ainda para as mulheres que ficavam sozinhas.

As mulheres que ficavam viúvas no período da seca eram obrigadas a enfrentarem a situação de muito sofrimento. Com a perda do marido precisavam assumir a responsabilidade de chefiar a casa sozinha, muitas vezes contavam apenas com a ajuda dos filhos para continuar a luta pela sobrevivência.

Ao longo dos estudos sobre as histórias de vida dessas mulheres, do seu cotidiano foi possível observar como essas mulheres eram guerreiras. Elas relatavam seu sofrimento, porém buscavam sempre nutrir em seus corações um sentimento de esperança. Mesmo diante de um futuro incerto, acreditavam em expectativas de sobrevivência. E lutavam por isso, mesmo perante as suas limitações como mulheres.

2.4. MODUS VIVENT I DAS “VIÚVAS DAS SECAS”

As entrevistas com viúvas da “seca de 1932” revelaram usos e costumes antigos na forma de vestir-se, nos hábitos alimentares, no emprego de objetos de uso doméstico, no uso de simpatias e superstições. Podemos citar alguns objetos mais usados pelas mulheres, fabricados por processos rudimentares: pilão, gamela de madeira leve, peneira de tala de palmeira, esteira de palha, balaio de cipó, candeeiro de querosene, cuia de cabaça, pote e panela de barro, etc. Para substituir cordas ou barbantes, era utilizada palha (sem o talo) da folha de palmeira.

Sem esses instrumentos rudimentares, certamente as mulheres enfrentariam mais dificuldades para capturar e processar alimentos alternativos retirados da natureza ou ainda para a fabricação de artesanatos para venda ou uso próprio. Portanto, elas descobriram que através de alguns objetos domésticos poderiam realizar diferentes atividades necessárias à sobrevivência da família.

Dentre vários objetos, listamos alguns: panela de barro, caldeirão e chaleira de ferro; tigela de tomar café; xícara, caneca, bule, leiteira, bacia e penico de esmalte; ferro de brasa para engomar; vassoura de palha (de cabo ou deitada); pilão para triturar café e cereais; torradeira de barro para torrar café; coador de café feito de pano; abano de palha; cesto ou balaio de cipó para colher produtos na lavoura; candeeiro de flandres ou de vidro, lamparina e lampião; lavatório de ferro; bacia grande feita de zinco ou flandres para tomar banho; gamela de madeira para lavar roupas e louças; copo de flandres e alumínio; machucador de feijão e colher de pau; camas de vento, de couro; colchão com cheio de palha ou capim seco e travesseiro com cheio de marcela; fogão com trempe feita de pedra ou ferro; carote, pote e lata para transportar água, etc.

Em virtude da seca, as famílias readaptaram suas rotinas, passando a buscar nos escassos recursos que a natureza ainda dispunha, meios para se alimentarem, assim recorriam desesperadamente a alimentos alternativos como o palmito do licurizeiro (chamado de bró), batata de umbu, frutos do mandacaru, palma, licuri, raiz de parreira, xique-xique, mucunã.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo da pesquisa, estudamos sobre a problemática da seca envolvendo o cotidiano das mulheres e descendentes da seca de 1932. Foram empreendidas algumas análises sobre o contexto da época. Em se tratando de um período distante, as fontes documentais revelaram-se escassas, sobretudo na localidade objeto principal do estudo, o município de Miguel Calmon. No entanto, foi no campo da oralidade onde encontramos uma profusão de riquezas de memórias e relatos sobre um evento natural que deixou marcas indeléveis sobre seus sobreviventes.

Faz-se necessário ressaltar que durante a seca de 1932, houve, segundo as listas de óbitos de 1932, muitas mortes de pessoas por causa de fome e de doenças causadas pela falta de imunidade orgânica, em decorrência da escassez de alimentos provocada por aquela inclemente seca.

Enfim, todas as fontes nos direcionam a compreendermos o objeto de estudo, contudo ressaltamos a significativa contribuição dos depoentes, por se tratar de pessoas idosas que vivenciaram o período de 1932 e outras que não foram testemunhas oculares, mas que relataram confiantemente as vivências de seus pais e seus familiares, memórias que recepcionaram pela tradição oral a que estavam submetidas.

Não podemos esquecer de pontuar o caráter da seca como um instrumento na formação da identidade do sertanejo, sobretudo no tocante a sua habilidade de resistir, com determinação e criatividade, muitas vezes com bom ânimo, as vicissitudes e intempéries trazidas pelas secas e estiagens. As comidas alternativas como o palmito do licurizeiro (chamado bró), batata de umbu, frutos do mandacaru, palma, licuri, raíz de parreira, xique-xique, mucunã, demonstram a inventividade das sertanejas em face da seca e da falta de trabalho remunerado para elas. Sobretudo essas mulheres buscavam resistir em meio às adversidades, recorriam também a simpatias, rituais religiosos ou sacrifícios, acreditando na intervenção do divino sobre aquelas aterrorizantes circunstâncias.

Os resultados indicam a necessidade de um novo olhar para as mulheres vítimas da seca, especialmente as “viúvas da seca” de 1932, ressaltando que não só o sertanejo é um forte como diz o escritor Euclides da Cunha, mas também as mulheres sertanejas especialmente as “viúvas da seca” são e foram umas fortes,

porque foram elas quem permaneceram e assumiram as responsabilidades de seus maridos na medida em que as abandonaram. Assim, podemos concluir que as “viúvas das secas” são as verdadeiras heroínas do sertão.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE JR. Durval Muniz de. **A invenção do Nordeste e outras artes**. São Paulo: Cortez, 1999.

ANDRADE, Manoel Correia de. **A seca: mito e realidade**. Coleção Nordeste em Evidência. Pernambuco: Editora ASA, 1985.

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: Lembranças dos velhos**. 3 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

CASTRO, Josué. **Geografia da fome: o dilema brasileiro: pão ou aço**. Rio de Janeiro: Edições Antares, 1984.

CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano: Artes de fazer**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

DEL PRIORI, Mary. **História do Cotidiano e da Vida Privada**. In: FLAMARION, Ciro, VAINFAS, Ronaldo. *Domínios da História – Ensaios de Teoria e Metodologia*/ Rio de Janeiro: Elsevier, 1997.

DAVIS, Natalie Zemon. **O Retorno de Martim Guerre**; tradução Denise Bottmann. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1987.

FERREIRA, Marieta de Moraes & AMADO, Janaina. **Usos & Abusos da História Oral**. 4ª edição. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2001, 304p.

GONÇALVES, Graciela Rodrigues. **As secas na Bahia no século XIX**. Sociedade e política, 2000.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.

LOWENTHAL, David. **O Passado é um país estrangeiro**. Projeto História. Revista do programa de Estudos Pós- Graduated de História. Volume 17 (1998) Jul./Dez. Trabalhos da Memória.

MATA, Lídice da. **Convivendo com o semiárido**. Brasília, DF: Senado Federal, Gabinete da Senadora, 2013, 141 p.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Manual de História Oral**. 3 ed. São Paulo: Ed. Loyola, 2000.

MENEZES, Edith Oliveira de. **Seca no Nordeste: desafios e soluções/** Edith Oliveira de Menezes, José Micaelson Lacerda Moraes; coordenação Wanderley Loconte. São Paulo: Atual, 2002.

MONTENEGRO, Antonio Torres. **História Oral e Memória: a cultura popular revisitada**. 3ª Ed. São Paulo: Contexto, 2001.

SCOTT, Joan. **História das Mulheres**. In. BURKER, Peter. A escrita da história:

VILARONGA, Dalva & CARVALHO, Geferson. **Retrato de Miguel Calmon Análise Geral do Município**. Jacobina, Bahia: Editora Oxente, 2007.

OBRAS LITERÁRIAS

CUNHA, Euclides da. **Os Sertões: Campanha de Canudos**. 3ª Ed. Rio de Janeiro: F. Alves, 1995.

QUEIROZ, Rachel de. **O Quinze**. São Paulo: Siciliano, 1993.

QUEIROZ, Aloísio Sales. **Os Óculos**. 2ª ed. Jacobina-BA: Rabisco, 2008, p. 15 e 16.

FONTES DOCUMENTAIS

Jornal “O Lidador”, 15 de dezembro, 1933,N.15.

Jornal “O Lidador”, 9 de janeiro, 1934, N.26-1.

Jornal “ O Lidador”, 10 de agosto, 1934, N.49-3.

Jornal “ O Lidador, 28 de agosto,1934, N.51-3.

Acervo digitalizado do Núcleo de Estudos Orais Memória e Iconografia (NEO)

Jornal Correio da Paraíba, João Pessoa,31,Janeiro,1999.Extraído do site:<http://www.portcom.intercom.org.br/pds/062c5dc680eb0b763778d703462efefd8.PDF>

INTERNET

Atlas Nordeste Abastecimento Urbano de Água. Agência Nacional de Águas (ANA).
Fonte: <http://atlas.ana.gov.br/Atlas/forms/Home.aspx>. Acessado em 23.06.2014.

Mapa do Semiárido. Agência Nacional de Água (ANA). Ministério da Integração.
http://2.bp.blogspot.com/K_gSmgLTE9c/UrIKdPHOTUI/AAAAAAAAA80/i5aE9LK7JT8/s1600/Fig4.jpg

SUASSUNA, João. **SEMI-ÁRIDO: proposta de convivência com a seca**. Fonte:
http://www.fundaj.gov.br/index.php?option=com_content&id=659&Itemid=376,
acessado em 13.05.2014.

FONTES ORAIS

Acelino José da Silva aposentado, 100 anos, domiciliado na Rua Ipiranga, S/N, centro, Miguel Calmon-Ba. Entrevista realizada em 05 de maio de 2014.

Aurelino B. Souza, aposentado, 86 anos, domiciliado no Povoado de Formosa, de Miguel Calmon-Ba. Entrevista realizada no dia 14 de agosto de 2014.

Aurelina Umbelina do. Amaral Rios aposentada, 89 anos, Residente na Rua Alto Santo Antônio, S/N, Centro, Miguel Calmon-Ba. Entrevista realizada no dia 02 de maio de 2014.

Benedita Rosa de Oliveira, aposentada, 95 anos, Residente na Avenida José Otávio de Senna, nº651, Centro; Miguel Calmon-Ba. Entrevista realizada no dia 02 de maio de 2014.

Dalva Almeida Silva (Vilaronga) ex-professora, escritora, 81 anos Residente na Avenida Odonel Miranda Rios, S/N. Entrevista realizada em 24 de outubro de 2014.

Ida Belitardo da Silva, aposentada, 96 anos residente na Rua Castro Alves, S/N, Centro, Miguel Calmon-BA. Entrevista realizada 02 de maio de 2014.

APÊNDICE

ROTEIRO DE ENTREVISTAS

1. Em sua recordação, por quanto tempo ficou sem chuva na seca de 1932?
2. Como e onde as pessoas conseguiam água para beber e utilizar no uso da casa?
3. Que tipo de alimentação as pessoas prepararam para alimentar suas famílias?
4. Que tipo de alimentos as pessoas conseguiam extrair na natureza para alimentar a família?
5. Morreram pessoas vítimas de desnutrição ou fome naquela época? Recorda de nomes destas vítimas?
6. Os governos da época ajudavam as populações de alguma forma? Que tipo de ajuda chegava até o povo?
7. Que tipo de simpatias, rituais religiosos ou sacrifícios as pessoas faziam para atrair as chuvas?
8. Tem notícias de que pais abandonaram os filhos ou doaram para outras famílias? De maridos que abandonaram suas esposas por não suportar os efeitos da seca?
9. Quais cantigas as pessoas cantavam naquela época?
10. Como as pessoas se ocupavam naquela época, havia que tipo de trabalho ou tarefa para homens, mulheres e crianças?

ANEXOS

APÊNDICE A – Lista dos óbitos registrados em Jacobina na década de 1930; os acometidos por sífilis estão destacados.

Ano	Nome	Profissão	Sexo	Idade*	Estado Civil	Causa Mortis
1931	Inocêncio Roque dos Santos	Lavrador	M	37	Casado	Indeterminada: Natural, com causa indeterminada
1931	Juvêncio Gomes da Silva	Soldado da força pública	M	29	Solteiro	Hemorragia interna (ferimento com faca).
1931	Perônia Lages	Doméstica	F	80		Caquexia Senil
1932			M	1 mês		Gastroenterite
1932			M	1		Infecção
1932		Roceira	F	63	Solteira	Paludismo crônico
1932	(-) de Tal	Sem Trabalho	M	+ 30		Fome e Paludismo
1932	Amália Gomes Brandão		F	2		Enterite inflamatória
1932	Amelita		F	11 meses		Paludismo crônico
1932	Ana França de Jesus	Doméstica	F	46		Paludismo agudo
1932	Ana Francisca	dona de casa	F	28	Casada	Hemorragia pós-parto
1932	Ana Rita de Jesus	Doméstica	F	22		Paludismo
1932	Ângela		F	11 meses		Gastroenterite
1932	Anita		F	15		Caquexia por dificuldade alimentar
1932	Anna Joaquina	Doméstica	F	60	Casada	
1932	Antônio		M	1		Paludismo crônico
1932	Antônio Pinheiro das Mercês	Func. Público	M	60	Solteiro	Insuficiência aórtica
1932	Arlindo Francisco dos Santos		M	1		Gastroenterite
1932	Auterino de Hiliana	Rocero	M	39	Solteiro	Disenteria Bacilar
1932	Avelino José da Silva	Lavrador	M	30	Solteiro	Coma cerebral de causa improvada
1932	Carolino		M	8 meses		Paludismo crônico e carência alimentar
1932	Cecílio Alencar dos reis	Garimpeiro	M			Insuficiência uretral e paludismo agudo
1932	Claudemir		M	2 meses		Gastroenterite
1932	Crispiniano Santana		M	34 dias		Gastroenterite aguda
1932	Crispm Santana		M	30 dias		Debilidade congênita
1932	Delfino Francisco de Correia	Fazendeiro	M	40	Viúvo	Insuficiência Mitral (2 anos c sintoma)
1932	Deocleciana Maria de Jesus		F	5		Paludismo e carência de alimento
1932	Deusdete		M	21 dias		
1932	Dionísia Alves de Sena	dona de casa	F	33	Casada	Flemácia Alba dolores
1932	Eduardo Martins dos Santos	Trab. De ienha	M	35	Casado	Tétano
1932	Edwiges Maria de Jesus		F	2		Paludismo agudo
1932	Emiliana Casemira de Jesus	dona de casa	F	40	Solteira	Hemoptese
1932	Eremita Maria de Figueiredo	Doméstica	F	40	Solteiro	Disenteria Bacilar
1932	Esperidião	Sem Trabalho	M	65	Solteiro	intoxicação alimentar
1932	Fabião Dias Rego	Mendigo	M	50	Solteiro	Paludismo crônico e Caquexia senil
1932	Florivaldo Vieira Silva		M	4 meses		Paludismo crônico
1932	Francisca Maria de Jesus	Doméstica	F	30	Solteira	Paludismo agudo
1932	Fulgêncio Araújo	Lavrador	M	23	Solteiro	Caquexia após ferimento com faca (3 meses)
1932	Glápiria		F	7 dias		Debilidade congênita
1932	Graciano		M	12 dias		Debilidade congênita

no	Nome	Profissão	Sexo	Idade*	Estado Civil	Causa Mortis
133	Gevaldo		M	3 meses		Gastroenterite
133	Guilhermina Ana Ribeiro	Doméstica	F	70	Solteira	Indeterminada. Possivelmente miséria
133	Guilhermina Ana Ribeiro		F			Paludismo
133	Guilhermina das Cavalhadas		F	80		Pneumonia lobar
133	Guilhermina Maria de Jesus	Doméstica	F	95		
133	Guilhermino Vilas Boas		M	1 ano 7 meses		Paludismo agudo
133	Hilária de tal		F	35		Tuberculose pulmonar
133	Hilda Maria de Jesus		F	5		Paludismo agudo e miséria orgânica
133	Horácia		F	50		Insuficiência cardio-renal
133	Inocência	Doméstica	F	32	Casada	Ruptura no útero
133	Isabel Maria		F	15	Solteira	
133	Ivana Vieira	Doméstica	F	30	Casada	Paludismo agudo
133	Iza Durões Conegundes		F	9 meses		Gastroenterite
133	Jayme		M	1 ano		
133	Joana França de Jesus	Doméstica	F	40		Falta a função
133	Joana Maria de Jesus	Lavadora	F	40		Paludismo Pernicioso
133	João		M	9 meses		Fome
133	João	Lavrador	M	60	Casado	Nefrite Crônica
133	João Batista	Indigente	M	74		Caquexia senil
133	João Benedito dos Santos	Garimpeiro	M	18	Solteiro	Paludismo agudo
133	João Ferro	Vaqueiro	M	48		
133	João Inocêncio	Vaqueiro	M	40		Paludismo Pernicioso
133	João Luciano de Farias		M	6		Miséria orgânica
133	João Malaquias	Lavrador	M	50	Casado	Paludismo agudo
133	Joaquina		F	8		
133	Josafat Dias de Souza		M	8		Paludismo Crônico
133	José		M	18	Solteiro	Edema agudo no pulmão após nefrite
133	José		M	3 meses		Enterite
133	José		M	2 meses		Gastroenterite
133	José Bispo		M	8		Fome e Paludismo
133	José da Silva	Lavrador	M	27	Casado	
133	José da Silva Torres		M	2 meses		Gastroenterite
133	José de Tal		M	20		Miséria orgânica e Paludismo
133	José de Tal		M	7		Paludismo Crônico
133	José dos santos		M	17 meses		Enterite aguda
133	José dos santos	Sem trabalho	M	23	Solteiro	Sífilis
133	José Efezbão da Moenção da Santa Cruz	Lavrador	M	60	Viúvo	Sífilis Cerebral
133	José Flavêncio		M	5		
133	José Gomes	Sem trabalho	M	30		Fome
133	José Pinto de Oliveira	Fazendeiro	M	75		(-) intestinal
133	José Preto	Lavrador	M	65	Solteiro	Nefrite Crônica
133	Josino da Santa Cruz	Lavrador	M	60	Solteiro	Paludismo
133	Jovino José da Costa	Operário	M	42	Solteiro	Paludismo agudo
133	Jovita Ana do Espírito Santo	Doméstica	F	49		Nefrite Crônica
133	Judit		F	3		Paludismo agudo
133	Justino Alves dos Santos	Lavrador	M	76		Febre com paralisia na

no	Nome	Profissão	Sexo	Idade*	Estado Civil	Causa Mortis
						perna esquerda
133	Luiz Miranda	Sem trabalho	M	78		Caquexia senil
133	Luiza Joanna		F	3		Paludismo Agudo
133	Luzia Theodora dos Santos		F	70		Oscite
133	Manoel		M	2 anos		
133	Manoel		M	3 meses		Debilidade Congênita
133	Manoel		M	17 dias		Debilidade Congênita
133	Manoel		M	2 meses		Debilidade congênita
133	Manoel		M	1 mês		Gastroenterite
133	Manoel		M	5		Paludismo
133	Manoel		M	65		paludismo Agudo
133	Manoel		M	1		Paludismo Crônico
133	Manoel Alves de (ilegível)	Lavrador	M	23		
133	Manoel Bento		M	65		Inflamação
133	Manoel Brito	Lavrador	M	25		Congestão Pulmonar
133	Manoel da Costa		M	5 meses		Disenteria bacilar
133	Manoel de Lima	Lavrador	M	60		Ilegível
133	Manoel de Lima		M	5		Paludismo Crônico
133	Manoel Ferreira		M	8		Paludismo
133	Manoel Francisco		M	88	Viúvo	Caquexia senil
133	Manoel José	Lavrador	M	70	Casado	Masculino
133	Manoel Martins		M	17 meses		Disenteria bacilar
133	Marcelino		M	5		Disenteria bacilar
133	Maria		F	4		
133	Maria		F	18 dias		Debilidade congênita
133	Maria		F	8 meses		Fome e Paludismo
933	Maria		F	4 meses		Sífilis: Lues infantil
133	Maria Benta de Almeida		F	24	Solteira	Paludismo Crônico
133	Maria Cândida	Doméstica	F	18	Solteira	Lesão valvular crônica do coração
133	Maria Carolina do E. Santo	Doméstica	F	50	Viúva	Paludismo
133	Maria Cecília		F	20	Solteira	Paludismo Agudo
133	Maria Chamceria	Sem trabalho	F	80		Caquexia senil
133	Maria Curtódia		F			
133	Maria de Jesus		F	7 meses		Gastroenterite
133	Maria de Jesus	Doméstica	F	21	Solteira	Paludismo
133	Maria de Pílu		F	3 anos		Paratifo
133	Maria de tal	ilegível	F	18	Solteira	hemorragia pós-parto
133	Maria de Tal	Doméstica	F	21	Solteiro	Paludismo
133	Maria de Tal	Doméstica	F		Solteira	Paludismo Agudo
133	Maria do Espírito Santo	Doméstica	F	40	Casada	Tuberculose pulmonar
133	Maria ferreira do Espírito Santo	Doméstica	F	86	Viúva	Caquexia senil, provavelmente
133	Maria Fumaça	Doméstica	F	83		Septicemia
133	Maria Luiza de oliveira		F	35		Paludismo e fome
133	Maria Nogueira		F	10 meses		Debilidade congênita
133	Maria Valério	Sem trabalho	F	10 meses		Fome
133	Mariela		F	7		Paludismo
133	Mariolino		M	40	Casado	

Nome	Profissão	Sexo	Idade*	Estado Civil	Causa Mortis
Izabel Maria de Lima	dona de casa	F	34	Solteira	3 dias de cama
Jaime Pereira	não	M	28 dias		Gastroenterite aguda
João Alves dos Santos	Roceiro	M	66	Casado	Disenteria Bacilar
João Batista do Nascimento	Carreiro	M	60	Casado	Derramamento cerebral (hemorragia) e fome
João Franco da Ilva		M	17 meses		Paludismo
Joaquim	Sem Trabalho	M	65		Insuficiência aórtica
Joaquina Carvalho	Doméstica	F	65	Casada	Hemorragia cerebral
Jorge		M			Gastroenterite
José		M	30 dias		Debilidade congênita
José		M	30 dias		Debilidade congênita
José		M	8		Fome
José da Costa	Lavrador	M	21	Solteiro	Cirrose atrófica
José Herculano de Almeida	Tropeiro	M	40	Solteiro	Paludismo
José Paulo da Silva	Carroceiro	M	50	Casado	Assistolia após insuficiência aórtica
José Pretinho	Garimpeiro	M	17	Solteiro	Paludismo agudo
José Raimundo de Oliveira	Lavrador	M	52		Indeterminada
Josefa Maria de Jesus		F	6 meses		Indeterminada
Jovino de Oliveira	Padeiro	M	56	Casado	Sífilis: Hepatite Sifilítica
Leopoldo		M	1		
Lindolfo Ildepriso de Souza	Fazendeiro	M	77	Casado	Assistolia após insuficiência aórtica
Lourival Santana		M	7		Paludismo crônico
Luvencão da Cruz	Sem Trabalho	M	70		Paludismo agudo
Manoel de Tal		M	9		Paludismo
Manoel Florentino		M	1 dia		Debilidade congênita
Manoel Florindo	Garimpeiro	M	± 40		Fome e Paludismo
Manoel Gomes		M	3 meses		Gastroenterite
Manoel Gonçalves		M	9		Paludismo
Manoel José Florêncio	Sem Trabalho	M	36	Casado	Paludismo crônico
Maria		F	1 hora		
Maria		F	nasceu		
Maria		F	3 meses		Gastroenterite
Maria da Conceição	não	F	4 dias		Debilidade congênita
Maria de Lourdes		F	7 meses		Paludismo
Maria de Tal	Doméstica	F	40	Solteira	Sífilis: Reumatismo sifilítico
Maria do Carmo		F	4 meses		Gastroenterite
Maria do Espírito Santo	Doméstica	F	30	Solteira	Pneumonia
Maria do Sacramento		F	11		Paludismo agudo
Maria Firmina		F	8 dias		Debilidade congênita
Maria José do Nascimento	Dona de casa	F	58	Casada	Indeterminada
Maria Virgínia de Jesus	dona de casa	F	106	Solteira	Caquexia senil
Marivone		F	4 meses		Gastroenterite
Matilde Mandamio	dona de casa	F	45	Solteira	Sífilis: Caquexia Luética
Milton		M	5 meses		Gastroenterite
Modesto Edésia de Souza	Lavrador	M	69	Casado	
Monoel de Tal		M	3 meses		Gastroenterite
Natalina		F	19 meses		Paludismo crônico

ANEXOS

N.º 127 2.ª VIA

SECRETARIA DE POLICIA E SEGURANÇA PUBLICA DO ESTADO DA BAHIA
SERVIÇO MEDICO LEGAL (INSTITUTO NINA RODRIGUES)

Seção de Verificação de Óbitos

ATESTADO DE OBITO

Município Jacobina Distrito civil Sede

Nome Mel de Tal

Falecido às 23 horas de 23 de Dezembro de 1932

Sexo masculino Cór branca

Profissão sem trabalho

Naturalidade (ou nacionalidade) brasileira

Residência: Distrito civil Sede

Rua N.ª Republicana n.º

Qual o tempo de morada? —

Idade 30 anos: meses: dias: horas.

Estado Civil — Filiação: Legítima ou ilegítima de

PAI { Nome ignorado
Profissão — Naturalidade —
Residência —

MÃE { Nome —
Profissão ignorado Naturalidade —
Residência —

Logar do obito —

Foi necropsiado? N.º Em de de 193

CAUSA DA MORTE fome e paludismo

Quanto tempo esteve doente? Ha 3 dias que chegou a esta cidade

Observações af assistência médica

Cemiterio em que vai ser sepultado Jacobina

Assinatura do medico

Residência ou consultorio: Rua n.º

Bahia, Cidade em de de 193

VISTO O Verificador de Óbitos, D. Nepomuceno Cruz

Bahia, Cidade Jacobina em 24 de Dez de 1932

NOTA — Este atestado ficará no cartório do oficial do Registro Civil.

Atestado de óbito de 1932

Fonte: Arquivo Público Municipal de Jacobina